



As mulheres no contexto das políticas migratórias

Por Delia Dutra – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

Atualmente a migração feminina internacional precisa ser pensada no contexto de globalização econômica, política e cultural, sem com isso desconhecer o caráter histórico desse processo.

Os fluxos migratórios de mulheres pelo mundo se configuram como fenômenos que participam do processo de globalização fazendo-se presentes no cotidiano de sociedades que, de forma enganosa, prometem alternativas de vida mais atraente para aquelas que sonham em mudar e dar outras chances para suas famílias.

Saskia Sassen lembra que não podemos perder de vista que os fenômenos globais se configuram também no interior do nacional, do local, do microssocial. Portanto, os fluxos migratórios internacionais em geral, e os das mulheres em particular, devem, sobretudo, ser pensados como participantes de processos de mudanças que para nós se apresentam como “inevitáveis”, pela força da sua consistência líquida – seguindo o conceito de Bauman. A migração feminina internacional parece aumentar o seu caudal e se espalhar cada vez mais depressa, não somente pela dimensão quantitativa do fenômeno, mas, também, pelas formas que ela cobra, nos mais diversos cantos do planeta.

As emigrantes dominicanas, por exemplo, sabem dos riscos que correm ao embarcar no projeto de migração para Buenos Aires. Suas características étnicas, assim como a falta de qualificação para as exigências do mercado de trabalho formal, condicionam e limitam a incorporação ao mercado de trabalho argentino. Para elas, assim como para muitas latino-americanas na Espanha ou nos Estados Unidos, são abertas somente as portas do setor de serviços domésticos ou da prostituição. Por quê? Justamente, por serem mulheres, migrantes, despossuídas de recursos e de capital cultural suficiente que lhes habilite o acesso a uma qualificação profissional reconhecida e sancionada pelo mercado de trabalho.

A socióloga Lucía Núñez explica que elas não ignoram o que acontece com outras que migraram antes, porém muitas pensam que isso – a prostituição – não será ou seu caso. Pode resultar incompreensível o fato de que, apesar das dívidas contraídas para financiar as poucas e muito caras alternativas de atravessamento de fronteiras (uma vez que medidas governamentais fecham cada vez mais as chances da migração sem risco para mulheres de origem social pobre), mulheres mexicanas e guatemaltecas ainda sonham em chegar aos Estados Unidos ou serem aceitas no programa de trabalhadoras rurais temporário para o Canadá.

As políticas migratórias, de forma isolada, não dão conta de evitar os riscos da exploração no âmbito do trabalho, da discriminação e da falta de reconhecimento e respeito aos direitos humanos básicos. De fato, em muitos países, elaboram-se marcos regulatórios que propiciam a exploração da mão de obra migrante considerada ‘não qualificada’, porém, fundamental para o andamento da economia e que beneficia setores específicos da sociedade.

Quando acrescentamos a isso, o fato de que em muitos países – inclusive aqueles considerados mais desenvolvidos, a legislação é deliberadamente omissa, não protege o trabalho feito pelas migrantes e inexistente qualquer forma legal de fiscalização no que se refere às condições de vida e de trabalho dessas mulheres, temos como resultado o cenário atual em que vivemos, onde diariamente mulheres migrantes são exploradas, violentadas e obrigadas a viver em condições indignas.